

Fialho de Almeida



A cidade do vicio

Fialho de Almeida

A cidade do vicio



Publicado pela Editora Good Press, 2022

goodpress@okpublishing.info

EAN 4064066412814

ÍNDICE DE CONTEÚDO

SYMPHONIA DE ABERTURA

OS NOVILHOS

NOITE NO RIO

ABANDONO DO POMBAL

O ROUBO

O HOMEM DA RABECA

MATER DOLOROSA

MEPHISTOPHELES E MARGARIDA

A CAMISA

O MORGADO

MADONA DO CAMPO SANTO

A INDIGESTÃO

JANTAR NO MOINHO

SYMPHONIA DE ABERTURA

Índice de conteúdo



Insupportavel, em Lisboa—o thermometro subindo sem attender a supplicas, subindo e putrefazendo tudo, os despojos subterraneos e a frescura das mulheres, a carne de venda a retalho e a carne de aluguer, os artigos dos jornaes diarios e os artigos alimenticios. Em Lisboa transpira-se muito, pela pelle e pelos criados. E ás vezes, sob o influxo de uma hora de sol ou publicidade, qualquer pessoa se arrisca a ficar com a roupa alagada, e com a reputação em fanicos.

No verão, similhante phenomeno exagera-se com violencias equatoriaes; nem gelados nem discrição, logram attenuar-lhe os impetos—é soffrer ou partir. Eu parti.

Não imaginam que simplicidade hollandeza de *toilette* e que frescura de linhos, expendidas em *vestons* sem forro e pantalonas sem feitio!... Botões de madreperola do diametro de relogios, altas polainas atando na perna por correias em cruz, o cinturão de coiro com cabaça para agua, chapéu tyrolez e bordão ferrado, tendo a mochila dependurada na ponta. Sobre isto, excellente saude, pouco dinheiro, muita alegria e nenhum peso de consciencia. Magnifico ser novo e saber desprezar os tolos, pois não? N'estas digressões de andarilho só me entristece não levar alguém ao lado.

Tenho amigos, mas são os peores inimigos de que dou signal—e por esses cafés, tabacarias e alamedas, dando-nos o tu da leal camaradagem, trocando charutos, rindo e

enlaçando os braços, é de vêr com que risonha perfidia nos sabemos detestar reciprocamente. Esta hostilidade sagaz, enluvada e fina, que se chama ahi confraternisação litteraria, e sob cuja egide se dão jantares no Gibraltar, elogios nas gazetas, e impagaveis desandas em conclaves reconditos, não passa d'um voltarete elegante, ganho pelos que sabem rir, e sempre pago pelos que esverdeiam de coleras refreadas. Resumindo, parti só. Junho, sabem, quando empalidecem os trigos espigados e seccos, as cigarras chiam nas oliveiras, e o azul é caustico. Começam pela provincia n'esse tempo romagens aos rusticos eremiterios, e as feiras de gado chamam a turba-multa dos lavradores e maioraes.

Portas fóra, as mobílias da Baixa abalavam raras ainda, caminho dos oasis burocratas, Sete-Rios, Campo Grande, Bemfica e Lumiar, em que todo o bom official de repartição, merceeiro ricaço e tisico pobre, vão tonificar-se pelo bom ar dos campos, sem deixar todavia os seus mesteres intramuros.

O typho fazia já propaganda por esses bairros, nas azas do miasma evolto de toda a banda, das portarias surdas, das consciencias gangrenadas, das loterias da Misericordia, dos quarteis, dos tribunaes e dos canos.

Theatros fechados, livrarias ás moscas, tudo esbaforido, e soldados parando ás esquinas a soletrar grandes cartazes, annunciando—*O Hereje*, as *Machinas de Familia* (?), *A Orgia*, e o *Fiacre n.º 13*, que segundo me contam é revolucionario tambem—e modonho, c'os diabos!...

O campo em junho, despoetisa-se no paiz cerealifero. Grandes zonas amarellecidas de seara, pastos seccos

vestindo a charneca, barrancos sem poça d'água, silvados deixando pender as amoras em cachos, e toda a legião de migradores que veem de cruzar o Estreito, rolas, cegonhas, cucos... Nos montes de rocha, murtaes irrompem d'entre penedos calvos; os alecrins dão flôres em espiguihas esguias; ascende a vinha arvores acima, vestindo os troncos em pampanos esplendentes; estão copadas, metálicas e redondas de folhagem, as figueiras picadas dos primeiros capa-rôtas. E á margem das ribeiras, nas terras gordas e marnosas, os meloaes expandem-se em fructos de meridianos finos, traçando de antemão as bellas talhadas a partir nas melancias rubras e frescas, e n'esses ricos melões de cheiro, que em jantares de cerimonia tanta pessoa séria teem compromettido. Depois aboboras, frades, gilas, descansando em feno á borda das rigueiras, e picando a monotonia dos caules cellulosos, que rastejando vão na terra sequiosa das hortas. Todo o pomar maduro—laranjaes florindo para os fructos novos, e mostrando ainda pendentes os fructos velhos; a interminavel colonia das ameixas e abrunhos; os damascos de fallas mansas e contactos velludosos; a pera ventruda e monotona de casca; a ginja e a cereja tão pittorescas e picantes á paizagem e ao paladar. E fechando cortejo...

Os pecegos!...

Adorei já uma mulher que gostava d'elles, e tinha uma graça infinita a mordel-os com os seus brancos dentinhos de roedora. Se tomando-lhe a barba com as pontas dos dedos, dôcemente a forçava a vergar-se toda nas costas da cadeira, para na concha rosea da orelha lhe depôr algum segredo irritante, a sua vermelha bocca gottejante dos

succos perfumados, matava-me de sêde e endoidecia-me d'amor. Pobre quinquilharia loira!... Tamanha voracidade a possuia ante esses fructos voluptuosos e quentes, que d'uma vez enguliu os caroços e partiu para o cemiterio.

Na sua cova, como lição a incautos, viridente pecegueiro todos os annos carrega de fructos, brotado d'esse corpo que foi vaporoso como uma nudez de Fragonnard, e branco da inexplicavel brancura que dir-se-hia feita com primeiras *nuances* de hortensia, pennugens ventraes de cegonhas, e corações de rosas brancas.

Como peregrino, que de logarejo em logarejo e cabana em cabana, vai seguindo em busca de alguém que lhe foge, assim de bordão e esclavina como a bella D. Auzenda, eu me aventuro por esses campos e terreolas, fazendo sésta nos moinhos, convivendo com as boiadas leaes, pernoitando nas eiras sob o olhar das estrellas, passando a vau os rios, cruzando estradas, e detendo-me a colher ás horas de sêde torrida, os medronhos bravios das espessuras. Esta existencia de cigano reconforta-me e endurece-me. Tenho a pelle tostada, crescida uma grande barba, e os musculos das pernas e braços, estriados como um aço de rija tempera. Janto o rolão corneo dos cavadores, sardinha salgada com um pichel de vinho alemtejano por cima. Não leio jornaes, o que explica a singular lucidez que em mim refloresce a espaços.

Todas as manhãs, o sol me encontra de chapéu na mão e assobio de melro, nas chapadas adustas que os valles dominam, como pulpitos sobre as naves rumorosas dos templos. De redor de mim, esfarrapam-se as gazes da nevoa matinal; serranias confusas nos longes; faias,

salgueiros e platanos desenham a curva sinuosa das ribeiras, onde o rebanho converge a beber manso e manso, n'um rhythmo de chocalhos distantes. E sobre laivos verdes de vegetaes rasteiros, tons pardos de olival, pedaços de seara madura, cannaviaes e hortejos, andam esparsas em pulverisações de branco, as casinholas de montes, aldeias, moinhos e conventiculos.

Os gallos tocam alegremente a alvorada; vão lá baixo trabalhadores de chapeirão e alforge; tudo canta, sol, gallos, velas de moinhos, gente que passa, quem vòa nos ares, quem saltita nos ramos, quem de pedra em pedra corre no fundo dos limos verdes, quem nos fios telegraphicos vibra, e até quem chora—tão phantastica a resonancia d'esta cupula cérula, extasiada na luz do sol occidental!

Na travessia emprehendida, aponto as differenças do typo, os usos, a emphase de linguagem, os vestuarios, as habitações, os processos decorativos de interior, a hospitalidade para estranhos, côr de pelle e vivacidade ingenita de cada povo e provincia. Ha contos populares, que começam devotos no Minho e acabam equivocamente no Algarve.

O tom das cantigas, em que se surprehende a indole, crenças e viver intimo das gentes, decresce em alegria de norte a sul, e occidente para oriente, á medida que nos vamos afastando da agua, que a vegetação é mais secco, a terra arida, menos profusos os rios, e mais distante o oceano.

Comparo a *Canninha Verde*, o *Verde-Gaio* e as *farandoles* das romagens do Minho e Douro, com a monotonia

repassada de tristeza, vagarosa e funebre, das cantigas do Baixo-Alemtejo; e sinto através d'ellas o *paiz* extremado-se em zonas de cultura menos e menos profusa—no Minho as risonhas veigas ensopadas de agua, inteiramente em cultura, verduras radiantes á luz de um sol claro, humidas de bruma matinal, toda a erupção da vida esparsa em fremitos por uma população enorme e fecunda, que é bella e sadia, com o instincto colorista que em vestuarios garridos, dá a essa paizagem exuberante, accessorios maravilhosos—no Alemtejo, charneca quasi sempre, arida, interminavel, retalhada a siroco, reverberando no verão ardores mortaes, n'uma luz crua que vai crestando implacavelmente as epidermes e os olhos. E aqui começam as difficuldades da vida pela inclemencia hostile do meio, faltam as pescarias que são fartura e felicidade, falta a carne, as ricas hortaliças, grande parte dos fructos.

Diluida n'essa área formidavel a população rareia, deixando a agricultura sem braços. Em pontos a raça é mal cruzada pela fatalidade dos casamentos consanguineos, impostos pela distancia que medeia entre povoado e povoado, e ainda porque quasi sempre, aldeias e villas tiveram por nucleo uma familia ou duas, enfraquecendo-se a descendencia pelo mau passadio, e regressão a um mesmo typo uniforme, de certas em certas gerações. Outra vegetação implantada n'outro solo, começou porém a surgir passo a passo, um dia, não sei quando, depois de longo caminhar. Scintillava ao largo um espelho caustico, movediço e sem balisas. Veio o pinhal em massas desconformes primeiro, e após rareando em avançadas, contra a grande areia relampejante das dunas. Mudava o

clima, adoçando-se de humidade salgada, dos cheiros da maresia e resinas da floresta. E sempre ante mim essa coriscação da agua sem termo, espumando nas cristas, e tendo a bocados, mosaicos de azul e ouro. Na altura em que ia detive-me então commovido, a olhar por tempo a feerica decoração assim extraordinariamente atravessada de luz. E tirei reverente o meu chapéu, para cumprimentar o Oceano.

A convivencia do mar, profunda e larga, faz o homem bom, e simples o espirito, pela contemplação d'essas superficies tranquilladas e azues, imagem da pureza e da força, sobre que os olhos vogam idealmente, como medreporas em villegiatura. No mar ha um extraordinario mundo de sêres pittorescos e fecundos, cortados nas fórmulas mais caprichosas, e cheios dos mais bellos cambiantes. E as povoações littoriaes, risonhas na penedia e na areia, com as succursaes fluctuantes dos barcos de pesca e das rêdes, offerecem aos nervos do *touriste*, finas sensações que o desenervam d'essa vida cardiaca e brusca dos centros cultos, que faz velhos os homens de trinta annos, e cynicos os que não teem ainda barba. Porque estamos n'um periodo secco, analysta e vertiginoso, que leva á loucura os mais delicados, e a desalentos senis os mais robustos. Não contentes de disseccarmos os outros, de os desfibrarmos por uma especie de sensualidade, no intimo das suas sensações, das suas ideias, dos seus vicios e dos seus males, vamos tambem pondo a nú pelo escalpello o nosso organismo, viscera a viscera, nervo a nervo e vaso a vaso, buscando o segredo da vida nas experiencias do amphitheatro, querendo sentir pelo requinte de descrevermos a impressão, querendo soffrer para

viviseccarmos as nossas dôres, n'uma crueldade consciente que fatiga e mata. Vejam as obras de arte modernas. Foi-se a idealisação translúcida dos bellos corpos perfeitos e brancos, foi-se o requinte aristocrático das paixões académicas e nobres, em que as figuras ostentavam, nos quadros, nas estatuas, nos poemas e romances, attitudes gloriosas, harmonicas, reguladas e altivas. Por ellas, só o bello vivia, eram heroes os homens, a vida não se convulsionava em miserias torpes, o proprio vicio era bello e a desgraça sympathica. Agora não! Cada artista fixa na tela, no livro ou no marmore, o que vê, e ás vezes o que só consegue attingir por um illuminismo interior, posto ao serviço de resolver algebricamente o complicado problema psychologico.

Deixando de consagrar-se exclusivamente aos regalados do mundo, nobres, opulentos e reis, para descer á generalidade das massas e baixas classes, a obra de arte tem, para ser util, de ser sincera—e para ser sincera, de copiar a vida laboriosa, mortificada e doentia das populações modernas, os *ateliers*, as fabricas, os bordeis, a rua, *ménages* tristes de burocratas, e todos os enrodilhamentos da promiscuidade mendicante, coberta de vermine e de pustulas—essa vida que calleja as mãos, atrophia os membros, escava as physionomias, macera as epidermes e perturba o jogo da circulação, que faz do cerebro uma monstruosidade pathologica, pela actividade sem repouso que lhe imprime, definhando as mais visceras em proveito da sua avidez de funcção, fazendo chispar de encontro a tudo, essas centelhas que a certo ponto

condensadas são o genio, de cujo exacerbamento resultam a loucura e a morte.

Esta violencia de arte embota os sentidos depressa, gastando precocemente as molas intimas dos espontaneos impulsos, da dedicação, da abnegação, do amor e da coragem, tornando o homem n'um sêr artificial e mecanico, com pontos de vista scenicos nos seus movimentos e discursos, desconsoladamente egoista e cynico. Não ha força nervosa que resista a este abuso de vibração, e dias ha em que as ideias se nos varrem, uma ignorancia imbecil nos estrangula, e brumosas tristezas de carcere vem descendo aos nossos olhos e aos nossos labios, no lethargico cansaço que chega sempre, após semanas de mentalidade exagerada. Ficamos então com ar de sonambulos, olhamos sem vêr, tudo doe, um desespero surdo nos tortura. E o estomago não digere bem, o pulmão recusa-nos a sua mecanica de folle, o sangue é tumultuoso, um pulso cortado de silencios, doem as articulações, doem-nos a cabeça, doe-nos tudo—é um aniquilamento sombrio, um odio contra livros, contra deuses e contra homens!

N'estas crises morbidas da alma na besta, nada como a intimidade das aguas, para reconstruir, para reconduzir, para repousar. Faz-se em nós uma limpidez provocada pela serenidade impecavel do mar, extenso e liso como um espelho magico. Quando muito ás vezes, uma ellipsoide de espuma fervilha no dorso de alguma aspiração mais rebelde, desejo, orgulho refreado, dissabor ou paixão—como a vaga que destacando pura da granda massa, se orla de branco ao rebentar na praia.

Com que quietação interior me não estendi então nas areias, coberto de poeira, coberto de azul e bemdizendo tudo! Não me lembro em que ponto da costa isto foi—mas era magnifico.

Que vastidão de paisagem, que deboche de azul, que luz irradiante!... Para um lado iam agrupamentos plutonicos, penedias a prumo, esburacando em cavernas sonoras da onda que ia e vinha, chapinhando e refluindo. Promontorios irregulares saham da grande mole côr de ferrugem, em trombas que se alongavam para beber. Da esquerda, planuras de areia faiscavam em circo, a chicotadas de sol. Deante o mar, e a duna cortando a retirada por ultimo, onde phalanges de pinheiros socegradamente bivacavam. Sobre uma insula escalvada em pinaculo, o pharol sahia da agua, negro no ceu luminoso, e expandia-se na plataforma da lanterna em setteiras aluidas, com agudas torrelas nos cantos.

Era assim um dedo de colosso, sobre cuja unha roida aos gritos, vortilhando por centenas, aves marinhas vinham pousar com tremuras de azas, goelanos, alcyons, gaivotas, andorinhas do mar... Os pescadores lançavam cantando ao largo, as suas rêdes. Vinham sobre a agua badaladas de algum sino mysterioso. Todo esse viver feliz, sem rebeldias nem artificios, me commoveu pela simpleza, pela probidade, e graça primitiva e rude. Tive uma saudade aspera, não sei de que outra existencia vivida por mim, por meu pai, ou qualquer da minha raça, em não sei que tempos historicos e esquecidos. Sentia como uma volta á patria, reconhecia as fórmãs, e tornava a respirar nos ares perfumes amigos, que me extoxicavam de uma especie de

innocencia e de uma especie de alegria. A minha actividade era repartida entre as companhas dos barcos de pesca, longas palestras no barracão do salva-vidas, ou a concertar rêdes á porta das cabanas. Assim eu aprendi a vêr e a recompôr esses grandes typos do mar, fulvos e crentes, com os seus olhos pequenos de pupilla inquieta, japona azul nos hombros quadrados, pernas nuas, barba rara, ageis e gigantes, com uma profunda melancolia de face. As linguas da onda vinham lambendo a praia humildemente, como um cão fiel que afaga o dono. Em bandos, os pequenos nús rolavam-se na areia, ou faziam de mergulho espadanar a agua. E eu sem saber qual mais puro e transparente, se o céo se o mar! Á noite recolhia as minhas impressões rabiscando o *carnet*, e no palôr sonambulo da lua, dormiam as cabanas acalentadas pela voz do Oceano e a lanterna girante do pharol encandeava as aves do mar, fazendo-as suppôr que era o dia a romper.

Tres mezes assim. Quando uma noite despertei ao estrepito das vagas. A bruma viera, fazendo deslocções de fumarada compacta, cinza claro pelos effeitos da phosphorencia, que fazia do mar um *punch* em flamma, que a colhér do vento fosse remexendo procellosamente. E em revolta a agua urrava, tripudiava nas cavernas, soluçava, cantava e ria. Praia fóra, despertados de chofre, os pescadores gritavam em côro, não achando os barcos na amarra. Ia começar o mau tempo. Eu tinha alinhavado este livro nos ocios da bella estação que se morria. E n'essa manhã parti.

OS NOVILHOS

Índice de conteúdo



Vespera de S. João, na aldeia.

As doze pancadas do sino acabavam de dar por uma quente noite de estio, luminosa de lua e perfumada de fenos. Nada mais dôcemente calmo, que a contemplação da paizagem de vinhas e olivedos que se gozava na ladeira da aldeia, caminho da fonte. No cimo da encosta, a fachada da igreja estendia sobre o azul pallido, as agulhas brancas das torres, onde, attenta a santidade da hora e da vespera, nem as corujas soltavam pio.

Conforme o uso, quando a ultima badalada tocou, as raparigas em cabelo, capellas de jasmins no penteado, de que pendiam pequenas ameixas rosadas e peras de Santo Antonio, saias curtas garridamente enfeitadas de vermelho, pés ligeiros e um borboletear de cantigas que envergonhavam nos campos os rouxinoes das balseiras, puzeram ao quadril as quartas de barro, e aos pares, trocando confidencias, desceram pelo correjo até á fonte. A fonte era o monumento da aldeia, com o seu largo boccal de feição biblica, boa pedra vincada pelos fundos dos cantaros, amplos cadeirões de granito em redor para quem chegava cansado, uma dorna inclinada onde bebia o gado, e meia penumbra tremula, de chorões e pimenteiras.

Vespera de S. João á meia noite, a agua das fontes é santa, santa como os remedios efficazes, como a benção nupcial que um velho padre estende aos noivos, como os vestidos e os bentinhos das imagens, como a cruz dos adros

desertos, como os mentrastes das ermidas distantes e os cordeiros dados de fogaça pelas festas da paschoa. Quem a bebe, viva áquella hora, junto da fonte onde o luar se espelha, e em cujo fundo dormem suavemente os reflexos das estrellas, é feliz todo o anno, fecundo se é mulher e bom trabalhador se é homem.

Bom S. João, todo risonho e nú, no seu altar da egreja, cordeirinho branco a um lado, bandeirola do outro, e a polpuda mãosinha de creança abençoando com graça innocente as cabeças que se lhe curvam diante!...

As raparigas passavam em volta das quartas de Extremoz, os baraços de tirar agua, e na limpidez da fonte, sentia-se o *plhau!* sonoro de vasos mergulhando. Tão fresca a agua, tão sapida de philtros de luar e perfumes de amor! Oh, como é bom ser novo!

Toca a encher as enfusas. Algumas das moças entravam nas vinhas a colher parras para ornar de grinaldas as cintas finas, as cabeças loiras e os bojos porosos dos cantaros arabes. E aos pares, ondulando os quadris, iam subindo a encosta cheias de esperanças e radiosas de sonhos, e o rumor das cantigas fluctuava no tranquillo ar da meia noite, em cuja limpidez o S. João benevolente, estendia as suas mãos cheias de promessas.

Ora a Rosaria só desceu da herdade á uma hora, a grande preguiçosa! E sósinha por entre as arvores, n'uma pallidez de audacia que lhe ficava bem! Tudo no monte ficára a dormir, o pae estiraçado na eira, a mãe resonando na alta cama de casamento, os rapazes por cima das moreas de trigo, bois deitados por baixo das azinheiras da pastagem. Dois novinhos sómente, quasi bois feitos,

retouçavam nos fenos, pulando, rebolando-se, furtando-se os corpos vigorosos, n'uma alegria de titans em bacchanal. E todos brancos, mansísimos e perfumados, dir-se-hiam príncipes encantados, esquecidos dos seus palácios de ouro, n'aquella metamorphose exigida por alguma velha fada rabugenta.

Rosaria ainda esteve um bocado a miral-os.

Era o novilho da vacca *Mourisca*, mais a novilha do visinho Pedro, pastor da herdade proxima.

—Diacho, disse ella a rir para comsigo, cantaro ao quadril, tão novitos ainda, e já namorados. E a cantar desceu a ladeira. Que luar que fazia, que silencio se alastrava!... Nem um ai de rouxinol noctivago, nem um echo de cantigas esmorecendo nas quebradas. Um pouco além, no cabeça do outeiro, o portal formidavel de um dolmen negro, desenhando como um branco de olho malicioso, rebolado em fervores de lascivia. E atravessando n'um feixe esse portal, a poeirada fina da lua, vinha em aureola cercar de uma vaporisação phantastica, esse perfil de zagala israelita. Quando chegou á fonte viu a clareira coberta de ovelhas, que empurrando-se em silencio, furando, cahindo e mordendo o pó que levantavam, tinham pressa em chegar á grande pia de pedra, para beber. Em pé sobre as lages da fonte, o pastor tirava agua com um grande balde de cobre, enchendo a pia, que logo tornava a ficar sem gotta. Rosaria ergueu a voz:

—Eh lé, visinho Pedro.—O pastor parára de chapinhar na agua. Gritou-lhe:

—Eh lê, Rosaria!

E ambos immoveis, sem querer avançar, ficaram a olhar-se no turbilhão do rebanho.

—Bonita noite, disse um.

—É verdade, fez o outro.—E um grande silencio.

—Então vens á de S. João?

—Tal e qual!

—Pois isto é tarde por aqui, juntou vagarosamente o pastor.

Rosaria teve um sobresalto, o monte ficava longe, não andava viv'alma, e tão fóra de horas!... Então olhando para si, reparou que estava em collete, braços nús, pernas nús, as primeiras redondezas do seio em evidencia. N'isto, os novilhos brancos romperam na clareira, ás cambalhotas.

—Tambem!... disse o pastor. E sobre o lagedo da fonte, ficára imovel, bebendo o largo, narinas frementes, circulação de novilho nas fórmas athleticas que tinham á lua, soberbos detalhes de musculatura.

As ultimas ovelhas tinham já bebido, e ainda por duas vezes, o Pedro mergulhou na agua santa o grande balde de cobre, para encher o cantaro de Rosaria. Tremula e muda, a pobre achegava-se sem ousar fital-o, receando a primeira palavra, qualquer ousadia permittida pelo abandono do sitio. Eram quasi da mesma idade, tinham brincado creanças, esfarrapados e trigueiros, rolando-se nas relvas com essa alegria selvagem dos que convivem longo tempo com o gado, e sem saber o imitam nas suas cabriolas. Sem o menor resaibo de amargura, a voz do Pedro disse-lhe:

—Hontem estavas a fallar com o boieiro do Monte-de-Trigo. Diz que não?

—Estava, sim. A irmã tem andado doente. E como é rapariga da minha aquella...

—Olha cá, para que vieste só, a esta hora? Diz, anda.

—Estava a dormir. E vai, fez-se tarde.

—Sabes, moça? Se encontrasse ahi algum, não o deixava comer mais pão. Não me salve!

—Não ha medo, homem. É procurar!

À medida que através as interpellações bruscas do Pedro, ella lhe sondava os receios, adivinhando o culto em que era tida, ia recuperando socego. Sentindo-o vencido então, a deixar vêr nas ameaças surdas o receio que o esmagava, era Rosaria quem fallava alto agora, pujante da sua felicidade e orgulhosa de dominar. Assim estiveram encostados no boccal da fonte, immoveis, olhando sem scintillas um para o outro, como se já tivessem dormido. Em roda, as ovelhas ajoujavam-se aqui e além, fartas do repasto da noite e cansadas de cabriolar nas encostas. Vigilantes, nos longes do arraial, os dois rafeiros iam e vinham, encalmados e tropegos, fazendo tilintar enormes colleiras erriçadas de gumes, e farejando os mattos, de orelha fita, á procura.

—Já fallei c’o teu pai outra vez, disse o Pedro.

—O anno vai mau, aventurou a rapariga, sabendo o que elle ia dizer.

—E a gente fica assim toda a vida?

—Ai, não! Mas quem faz casa, necessita que lhe metter dentro. Tu bem sabes, Pedro. Inda que uma creatura, sim, seja pobre, ninguem casa sem arranjos. Cá da minha banda, pouco falta.

E ia dizendo, uma por uma, as peças do enxoval— lençoes de estopa, duas fronhas de renda, coberta encarnada, seis toalhas, dois vestidos, e camisas, uma arca nova...

O Pedro não ia tão bem, não! Todo o anno a velha estivera de cama, algumas seis cabras mortas, a damnada invernava sem largar a sementeira, o favalito cheio de alforra. Quem nasce para burro, com licença, nunca chega a cavallo. E os dous suspiravam. Mas cada vez mais perto, os novilhos se perseguiam e acariciavam, n'uma febre de primeiro amor, espicaçado pela resistencia da femea, que de patas estendidas se punha á espera que o macho formasse salto. E sentindo-lhe o focinho nas ancas, furtava de repente o corpo para deante, fazendo-o cahir nos pastos. Aquillo succedia-se por dezenas de vezes. Cansado então, o novilho parava afastando as pernas, resfolegar sibilante, a baba correndo em grandes fios da focinheira, que um laivo rosa sombreava em tons de carne sadia. E de cabeça alta quedava-se a fital-a, mugidos surdos, repassados de uma ternura physica que parecia deleitar a femea, cuja cauda voluvel açoutava de manso, a bella anca roliça. Nada era mais lascivo, ondulante e gracioso, que a anatomia agil da vaquinha branca, orelha e narina moveis, esboçando attitudes de uma graça infinita, saltos de pequena fera, bruscas contracções de pannos musculares, espreguiçamentos de desafio e vagas ternuras de esperança. E essa scena de tentação, que primeiro passára desapercibida ao pastor, ia-lhe agora despertando attenções minuciosas e complicadas ideias. De olhos avidos elle seguia o jogo teimoso da novilha, que se difficultava á

medida que a raiva do macho ia crescendo, crescendo. E um alvoroço interior acudia-lhe em remoinho, fazendo-lhe bater as fontes e pondo lhe a saliva espessa. Não era bem Rosaria, a imagem com que elle, mentalmente, reproduzia a scena que estava vendo. Deante da rapariga, as suas audacias de homem quebravam-se, e as suas raivas de novilho mordiam o freio de uma virgindade montanheza e feroz, que os tinha defendido a ambos da culpa. Era sim, uma femea meio mulher meio vacca, constructura toda animal, harmonica com o seu instincto brutal de pastor, capaz de sentir e incapaz de pensar, vida rudimentar em corpo de redondezas duras e contactos bovinos, imposta pelas fatalidades da procreação. Rosaria que se contrahia sob a descarga das fulvas scentelhas, que saltavam dos olhos d'elle, dilatados em colera sob sobranceiras frementes, teve um medo algido a invadir-a toda. E ao mesmo tempo, do fundo do seu sêr e do coração das mais pequeninas regiões do seu corpo, um esbrazeamento, uma angustia, uma incoherencia de gozos innatos, subiam-lhe á epiderme, alargando-se, chispando, occultando as suas vibrações fulminantes sob a mascara da tranquillidade postura que tomára.

Pedro chegára-se mais contra ella. Os novilhos tinham-se enlaçado afinal e rolavam nos fenos, mugindo no exuberante prazer de uma força esbanjada. Então Rosaria que o encarou de face, viu-lhe bem a rijeza das fórmas negras, o tronco arquejante, que pinhas de musculos disformes enfloravam, a redondeza núa dos deltoides cinzelando-lhe magnificamente os hombros de titan, bicipedes formidaveis contrahidos sob a tortura de um

desejo esmagado, e na rude face de fundibulario celta, uma rigidez que apenas de longe em longe, o fulvo corisco das pupillas conseguia desmentir. Ella não pôde mais, e na meia nudez em que viera, atirou-se-lhe contra o peito, beijando dôcemente esse bronze latejante, mesmo sobre o coração. As mãos de Pedro apanharam-na pelas espádoas e cingiram-na pelos rins, hesitantes n'um delirio que o fazia cambalear como um touro ferido entre os cornos, e não sabendo se cingil-a até lhe fazer estalar os ossos, se arrojal-a lá para o largo, onde a não visse mais n'aquelle abandono desleixado.

Aquillo durou um instante, no final do qual os braços do hercules tinham novamente cahido, a iris ficára tranquillada e toda essa torre cessára de tremer.

—Adeus, disse-lhe elle um pouco triste. E baixo, n'um segredo de infinita ternura, em que chorava a rude voz, transfigurada pelos ardores da juventude:

—Quando formos casados, sim?

Agarrou no balde, esteve a enrolar a corda á cintura por um bocado, metteu dois dedos na bocca para assobiar aos rafeiros. E voltando as costas á fonte, poz-se a arrebanhar as ovelhas, enxotando-as com o grande cajado, pelas pastagens acima. E mais além a sua voz de montanhez cantava já, n'uma toada dolente, em que transparecia a tenacidade de um mesmo amor, idealizado por uma vida inteira de esperanças e sonhos castos.

Rosaria inda ficou a vê-lo, ladeiras acima, de manta ao hombro, desolada pela recusa e quasi cheia de desprezo por semelhante honestidade. E caminho do monte ia furiosa, com ganas de se dar ao novilho branco da *Mourisca*. Ao passar

na eira, entre duas moreas, o boieiro do Monte-de-Trigo, que estava de guarda aos calcadouros ergueu a cabeça.

E alli mesmo, esfaimada como uma bacora, Rosaria se entregou.



NOITE NO RIO

Índice de conteúdo



Tinha-se afogado de todo no poente a ultima tinta paludosa da tarde, e uma sombra igual, atravessada de scintillas de estrellas e palpitações de atomos, cahia de cima dissolvendo os contornos das coisas, e escorregando na agua do rio, que se fizera densa e viva como uma carne de annelideo, gelatinoso e murmuro. A guiga em que nos mettemos, leve como uma penna, toda esguia ondulando á menor arfagem da onda, dir-se-hia um pequenino tumulto branco e ouro, em que seria delicioso partir coroadado de lichens e algas, para os reinos do coral, no fundo d'esses paizes submarinos, em que as cidades são feitas de galeões submersos, as cupulas de conchas côr de saphira, e as columnatas de phantasiosas incrustações de molluscoides. Emquanto Lia se punha ao leme, n'um *deshabillée* de noite em crepe da China, a alta golilha afogada acolchetando no pescoço por alamares de contas e rasgando *fenetre* no seio, uma nudez de braços polida, cinzelada na brancura das carnes hystericas, e abrindo alabastros luminosos entre a dragona a contas do corpete e canhão rugoso das luvas de ponto, ia eu de remos em punho, aventurando o barco bem para lá do caes, áquella hora adormecido. O meu vestuario não era bem o d'um barqueiro, nem era bem o d'um banhista. A camisola escarlata sem mangas, deixava-me os braços livres e nús; tinha o chapéu de palha, com abas reviradas, cahido á banda, e descoberta uma pouca de espadua fulva, onde

pannos musculares contrahidos, avincavam por vezes a sua estriada dentadura, de luctador glorioso. O homem é vaidoso da sua força, se dos olhos da mulher que adora, desce uma especie de radiação voluptuosa, como a vestir-lhe a nudez. Lia, que era ardente pelo sangue da sua raça, tinha pela fórma masculina o culto altivo das zagalas biblicas, que nos velhos tempos atravessavam sósinhas desertos e tribus hostis, para vir desposar o sonhado do seu coração, pastor como ellas, herculeo e timido, olhos obliquos e dôces, onde n'um fulgor amoroso se rimava todo o poema do paiz das palmas, dos figueiraes e dos lagos. Fôra a sua agulha que espalhára na flanela que me cobria o peito e o ventre, esses relevos exóticos de flôres vivas, n'um labyrintho de grinaldas, que se enroscavam em torno de ninhos, symbolizando dizia ella, a tenacidade do seu amor e a aspiração infinita da sua alma, que era ser mãe. E era ella quem, na ferocidade da sua ternura, se entregava comigo ás ondas por aquella noite calida, na leve guiga branca, que os meus remos faziam voar. Não imaginam talvez, que orgulho eu tinha d'aquelles ciumes de leôa fecunda, em cujos dedos a certas horas, sentia crispações de garras, e em cujos olhos inexprimiveis, de tão singular expressão, que n'elles podia lêr a emoção mais vaga, desde a que se traduz na voz pelo grito, pela palavra ou pela phrase, até á que a linguagem articulada não póde dar, e quando muito se crystallisa dos labios pelo sorriso, dando uma perola ou uma estrophe—em cujos olhos, dizia eu, ás mesmas horas vibrava n'um galvanismo instantaneo, a intima dolura de uma alma perlada de juventude e paixão. Sabia bem quantos ficavam para sempre feridos no rastro da sua

belleza e quantos desejariam apunhalar-me n'um antro, dizendo-me criminoso, porque era feliz.

Lia não tinha nada da escultura antiga, linhas consagradas de modelo napolitano, seios altos, tinta baça, nariz grego, cabeça de Juno, onde torvelinhassem cabellos de noite. Era uma rapariga tão fresca como uma creança e tão branca como uma camelia. As linhas do seu corpo instrumentavam uma symphonia purissima, sem relevos superabundantes ou energias lubricas. Musical, toda essa organização de que um tepido perfume de morbidez excentrica, se escapava em risos, sobresaltos e canções! Sob a coloração da sua pelle luminosa, tão fina que me dava calafrios ao contacto, e sob a fragilidade etrusca da sua cinta tenra e dos seus punhos magnificamente moldados, ninguém podia sonhar sequer a tenacidade altiva, a rija vontade e teimosia d'esse espirito jactitante, todo incoherente de pequenos requintes e anckilosado dos mais estranhos prejuizos. De feito, era necessario vir de uma raça atormentada e tenaz, grandiosa na sua miseria e filtrando por seculos sem numero, através dos cataclysmos da terra e das maldições do Deus irado, hoje errante nas asperezas do captiveiro, depois prosperando sob os reinos da idade gothica, após azorragada para o exilio, logo entregue ao carrasco e á fogueira, roubada, espesinhada e maldita, para assim engastar como joia rara, no fragil involucro de um corpo adolescente, esse genio caprichoso, que parecia tecido dos vãos da andorinha, do angelus de Massenet, de gottas de luar, e do travor bravio dos fructos silvestres, genio que era bom e mau ao mesmo tempo, luminoso e negro, leve, rhythmico, vivo até á doidice, mas

que por vezes, vinha bater a aza de uma melancolia negra— talvez a hereditaria saudade d’essa patria ideal, perdida na bruma dos longiquos continentes, onde contemplativas repousam as ruinas dos templos, sobre cujos capiteis destroncados eternamente dorme a sombra do Sinay!

Pela agua irritada de fremitos, a guiga corria em silencio, fóra do quadro aduaneiro. Lia tivera a ideia de uma pescaria nocturna, que nos furtasse n’aquella noite de Casino, á convivencia de banhistas pretenciosos e mulheres fatigadas. A noite estagnava n’uma quietação abafadiça, sem brisas e toda uniforme no seu lucto. Da cidade, o gaz traçava na sombra como um plano de edificio monstruoso, pontuações vermelhas que se alongavam em formidavel escala, desde a Torre de Belem cravada na ponta de uma linha arenosa e curva, até á outra balisa, que o accumulado das casas de Alfama parecia occultar. E de tamanha fabrica, vinha um fervor de respiração convulsa, que á flôr da agua se afinava com subtilezas acusticas, estremando cada ruido na sua gradação, e decompondo por espaços através dos sons, toda a vida complicada da cidade, desde o hausto de uma valvula de fabrica, até ao grito indistincto de um vendedor de jornaes. Olhada assim de longe, d’aquelle fundo de sombra salgada, Lisboa tinha o ar de uma grande cidade entregue á nevrose tragica do vicio, pois que se apagavam na noite as frontarias dos edificios burguezes, as architecturas hybridas dos palacios e dos templos, a uniformidade das ruas geometricamente alinhadas, e no tremeluzir dos lampeões se podia evocar alguma d’essas necropoles torvas, onde as festas resumiam a vida, as carnes das mulheres se cobriam de lhamas de ouro em